

ARQUITETURA BRUTALISTA E HABITAÇÃO SOCIAL: REFLEXÕES A PARTIR DO ROBIN HOOD GARDENS (INGLATERRA)

Leandro de Sousa Cruz
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA
SQN 402, Bloco P, Ap. 113, Brasília-DF. CEP 70834-160. Brasil.
leandro.s.cruz@hotmail.com

RESUMO

Do conjunto de experiências da arquitetura brutalista, analisa-se neste trabalho o caso do *Robin Hood Gardens Housing Project* (1966-72), elaborado por Alison e Peter Smithson. Apresenta-se, inicialmente, um panorama da habitação social no Reino Unido entre os anos 1930-70. Em seguida, destaca-se a atuação do casal Smithson frente ao tema da habitação e aos debates sobre a arquitetura brutalista, para então analisar como se deu a realização da proposta, as principais questões enfrentadas durante sua execução e ocupação inicial, assim como sua recepção por parte da crítica especializada. A recente decisão pela demolição do conjunto permite-nos, ainda, discutir sobre os conflitos entre planejamento urbano, políticas de habitação, especulação imobiliária e conservação do patrimônio histórico.

A realização do Robin Hood Gardens foi cercada por grande expectativa, dado que se tratava da primeira obra construída de Alison e Peter Smithson atendendo a um programa de habitação social. Seu antecedente mais imediato vem da proposta apresentada para o concurso *Golden Lane* (1952) que, somado à atuação do casal junto ao Team 10, marcava uma crítica ao pensamento urbanístico vinculado aos CIAM. Os Smithson defendiam a necessidade de se criar um ambiente que, ao mesmo tempo, reforçasse a identidade industrial do East End londrino e criasse uma nova condição de habitabilidade e relação com o contexto urbano.

A sua recepção, no entanto, foi marcada por grande desconfiança. As obras foram finalizadas em 1972 e, embora tenha ajudado a consolidar os debates sobre a arquitetura brutalista, logo se percebeu que o conjunto não daria conta de mitigar os problemas sociais enfrentados na região. Apesar das críticas, que reconheceram com propriedade como o conjunto não refletia exatamente as ideias defendidas pelos Smithson no campo teórico, consolidou-se ao longo do tempo como marco visual, passou por modificações que garantiram a permanência dos moradores e seu bom estado de conservação, o que não impediu, no entanto, a sua demolição para dar lugar a um projeto de renovação urbana, cujas obras tiveram início em abril de 2013.

Palavras-chave: Habitação Social. Alison e Peter Smithson. Robin Hood Gardens.

ABSTRACT

Considering the set of experiments in brutalist architecture, this paper analyzes the case of *Robin Hood Gardens Housing Project* (1966-72), designed by Alison and Peter Smithson. It starts with a brief overview of the social housing developments in the UK between the 1930s and '70s, and then focus on Smithson's role in face of the housing issues and brutalist architecture debates. Following, it then analyzes how the realization of the proposal was achieved, the major issues faced during its construction and initial occupation, as well as its reception by the critics. The recent decision for the demolition of the housing complex allows us to discuss the conflicts which arise among urban planning, housing policies, land speculation and heritage conservation.

The accomplishment of Robin Hood Gardens was surrounded by great expectations, since it was the first built work designed by Alison and Peter Smithson attending to a social housing program. Its most immediate antecedent is the Smithson's proposal for the *Golden Lane* competition (1952) which, combined with their engagement with other Team 10 members, emphasized their critique of the urban thought related to CIAM. The Smithson supported the need to create an environment that would reinforce the industrial identity of London East End, and at the same time would create a new condition of habitability and integration to the urban context.

Robin Hood Gardens' reception was, notwithstanding, marked by great suspicion. The works were finished in 1972 and, although it strengthened the discussions on brutalist architecture, it would soon be noticed that the housing estate could not give account of mitigating the social problems facing the region. Despite the whole criticism, that recognized in a proper manner that it didn't exactly reflected the ideas sustained by the Smithson in the theoretical ground it became consolidated over the years as a visual landmark, and went through physical adaptations that ensured the permanence of residents and the good condition of the buildings, albeit this did not prevent its demolition to give rise to an urban renewal project, whose construction has just began in April 2013.

Keywords: Social Housing. Alison and Peter Smithson. Robin Hood Gardens.

ARQUITETURA BRUTALISTA E HABITAÇÃO SOCIAL: REFLEXÕES A PARTIR DO ROBIN HOOD GARDENS (INGLATERRA)

Do conjunto de experiências da arquitetura brutalista, analisa-se neste trabalho o caso do *Robin Hood Gardens Housing Project* (1966-72), elaborado por Alison e Peter Smithson. Apresenta-se, inicialmente, um panorama da habitação social no Reino Unido entre os anos 1930-70. Em seguida, destaca-se a atuação do casal Smithson frente ao tema da habitação e aos debates sobre a arquitetura brutalista, para então analisar como se deu a realização da proposta, as principais questões enfrentadas durante sua execução e ocupação inicial, assim como sua recepção por parte da crítica especializada. A recente decisão pela demolição do conjunto permite-nos, ainda, discutir sobre os conflitos entre planejamento urbano, políticas de habitação, especulação imobiliária e conservação do patrimônio histórico.

ANTECEDENTES

Apesar do pioneirismo de figuras como William Morris, o destaque da produção arquitetônica inglesa, no cenário mais amplo dos debates sobre a arquitetura moderna, quase sempre esteve atrelado à influência estrangeira, pelo menos na primeira metade do século XX. Foi com a participação do crítico suíço Siegfried Giedion, por exemplo, que se formou em 1933 o grupo MARS (Modern Architectural Research Group), representante inglês junto aos CIAM. Mesmo o estilo internacional na Inglaterra¹ só ganhou maior proeminência a partir da chegada do arquiteto russo Berthold Lubetkin, sobretudo a partir da construção de pavilhões para o *Zoológico de Londres* (sendo o mais conhecido o pavilhão dos pinguins, com a famosa rampa em espiral) e da construção do edifício de apartamentos *High Point One*, ambos nos anos 1930; embora se deva destacar também a construção do *Isokon Building*, de Wells Coates, um dos membros do MARS, neste mesmo período.

Acrescente-se a essa leva de imigrantes, ainda nos anos 1930, a chegada de Erich Mendelsohn, Walter Gropius e Marcel Breuer, em decorrência da ascensão nazista que forçou o fechamento da Bauhaus (Hitchcock 1977, 524). Ainda segundo Hitchcock, a rápida passagem de Gropius e Medelsohn, se não deixaram grandes referências do trabalho pessoal destes arquitetos, imprimiram importantes marcas para a consolidação da arquitetura moderna na Inglaterra. No campo da habitação, as referências citadas anteriormente ainda se destinavam às classes médias (tanto no *High Point One* como no *Isokon Building*), e de forma geral, no entreguerras, a produção de habitação foi predominantemente privada, à qual se seguiu um período de pouca construção durante a Segunda Guerra (Colquhoun 2009, 6-7).

No tratamento da demanda por habitação social, lidava-se basicamente com a produção à moda *cottage* ou em sobrados, mas as demandas crescentes por conta da imigração levaram à

consideração por construção em altura. Peter Hall comenta sobre a decisiva influência de Le Corbusier na cultura arquitetônica inglesa, entre os anos 1930-40, notadamente sobre os estudantes da Architectural Association – que, ademais, sempre esteve interessada em se colocar como à frente do provincianismo e do ostracismo inglês – para a consolidação do imaginário da habitação social em edifícios altos. Ainda em 1938, em sua primeira visita à AA

[Le Corbusier] [p]regava para os conversos, que, por sinal, não eram muitos. Nos anos 1930, a despeito de algumas viagens ao exterior, a maioria das autoridades locais encaravam [sic] os prédios de apartamentos uma infausta necessidade, e só dois esquemas [...] conseguiram quebrar a barreira dos cinco andares.

Sete anos mais tarde, tudo mudou. Existia uma força política imensa e contida. Perto do fim da guerra, já havia ocorrido uma verdadeira revolução: o governo britânico decidira tomar a seu cargo o bem-estar do povo de uma forma que, nos anos 30, teria sido impensável. Associada a isso, fazia-se presente uma extraordinária consciência de que era preciso reconstruir a Grã-Bretanha e derrubar os cortiços. [...] (Hall 2009, 258)

Ou seja, mesmo com todos os esforços anteriores, a cultura arquitetônica da habitação em edifícios altos só viria a se consolidar após a Segunda Guerra Mundial, como um esforço em suprir a demanda por habitação após a destruição da guerra, associada a uma política do Estado de Bem-Estar Social. A atuação do governo com a eliminação dos cortiços (*slum clearance*) se inicia ainda nos anos 1930, mais voltada para as áreas centrais, incentivando-se a criação de *flats* residenciais (Colquhoun 2009, 6), e se intensifica no período pós-guerra. O conjunto *Robin Hood Gardens*, por exemplo, veio como uma proposta de “*urban renewal*” para a área encortiçada da região de Poplar, no East End londrino.

A essa demanda por construção maciça de habitação para as camadas mais pobres, assiste-se à construção de grandes conjuntos habitacionais, não apenas na Inglaterra, mas também na Escócia. Em pouco tempo de sua realização, as propostas passaram de uma ampla e fomentada produção até a sua negação e mistificação, que de certa forma persiste até hoje. O *Robin Hood Gardens* foi construído justamente nesse período de transição e sua condição atual – prestes a ser demolido – ajuda a entender boa parte do debate sobre a arquitetura brutalista e o contexto mais específico das obras de habitação social.

ALISON E PETER SMITHSON, O TEAM 10 E O “NOVO BRUTALISMO”

O casal Alison e Peter Smithson ingressou no MARS em 1953, ano em que participaram do CIAM IX, em Aix-em-Provence, momento em que se somaram aos outros membros do grupo que viria a ser conhecido como Team 10, que reunia entre os participantes mais frequentes figuras como Giancarlo De Carlo, Jaap Bakema, Aldo van Eyck e Georges Candilis, dentre outros. De forma geral, admite-se a importância do Team 10 como elemento desestabilizador – quando não

frontalmente crítico – das premissas urbanísticas defendidas e divulgadas a partir dos CIAM (Fuão 1999; Barone 2002). Barone destaca a importância do tema da habitação – ou, poder-se-ia pensar aqui em termos mais amplos, do *habitat* – para os membros do Team 10, como um dos eixos principais de debates realizados pelo grupo. Não à toa, em 1954, durante as preparações para o CIAM X, que seria realizado em Dubrovnik dois anos depois, os membros do Team 10 produzem o “Manifesto Doorn” (Bakema et al. 1993), onde se opõem a se desenvolver uma “Carta do Habitat”, como previsto no CIAM IX, dentro dos princípios funcionalistas fomentados no Congresso, e em seu lugar propõem estudar os *agrupamentos humanos* em primeiro lugar, recorrendo à noção de “comunidade” como uma referência principal para o entendimento da questão da habitação, que deveria ser entendida a partir de escalas de associação com outras formas de agrupamento humano. Confere como principal referência para essa interpretação a conhecida “Seção do Vale”, desenvolvida pelo botânico-urbanista escocês Patrick Geddes ainda no começo do século XX, valorizava a dimensão “regional” das cidades.

Vem também deste período, por volta dos anos 1950, o envolvimento do casal Smithson com outras figuras proeminentes do debate artístico inglês, como o International Group (IG). Esta formação complexa de referências do casal vai do otimismo da *pop art* com a sociedade de consumo de massas, das influências da *art brut*, da fase “brutalista” de Le Corbusier (sobretudo a partir da *Unité de Marseille* e das *Maisons Jaoul*), além das questões discutidas dentro dos encontros do Team 10, realizados a partir do encerramento das atividades dos CIAM. Um conjunto deveras heterogêneo, que deixam rastros para interpretação em suas obras.

Muito embora o casal já tivesse lidado em diversas situações com os temas da habitação moderna, o seu primeiro projeto de habitação com destinação social só foi realizado no *Robin Hood Gardens Housing Project*, objeto de análise deste artigo. Antes disso, dentro das atividades junto ao IG, o casal já tinha apresentado suas leituras sobre o *habitat* moderno na exposição “Parallel of Life and Art” em 1952, na exposição “This is Tomorrow” em 1956; além disso, considere-se também o projeto experimental do casal Smithson *The House of the Future* realizado em 1956 dentro da “Daily Mail Ideal Home Exhibition”. Na ocasião em que apresentam o projeto para uma *Casa no SoHo*, em 1953, vem a primeira declaração sobre o chamado “Novo Brutalismo”, onde Alison Smithson descreve a casa como sendo projetada sem acabamentos internos, como uma “combinação de abrigo e ambiente” – o que já assinala para uma oscilação entre aspectos contraditórios do brutalismo na Inglaterra, entre a “brutalidade” e a adesão relativamente passiva à corrente *pop* (Barone 2002, 146-147). Apesar desta declaração inicial, Reyner Banham – o maior apologista para a corrente – entende a *Escola Secundária para Hunstanton*, concluída em 1954, como a primeira obra do Novo Brutalismo inglês, dado que a *Casa no SoHo* não chegou a ser realizada (Banham 1955, 359).

Os debates em torno do Novo Brutalismo na Inglaterra se faziam sentir, ainda, como uma resposta às indefinições sobre a produção contemporânea, ainda muito dividida entre uma

aceitação moderada – ou maneirista – dos princípios da arquitetura moderna, com certa tendência a assimilar elementos da produção vernacular. O Novo Brutalismo se oferece na Inglaterra, portanto, como uma forma de expressão verdadeiramente ligada ao seu tempo.

Dentro da obra do casal Smithson, o antecedente mais direto do *Robin Hood Gardens* é a proposta apresentada para o concurso do *Golden Lane*, do qual não saíram vitoriosos. O impacto da obra, no entanto, foi suficiente para firmá-los dentro do cenário intelectual inglês e influenciar a realização de outras obras de habitação social no mesmo período, sendo a mais conhecida o conjunto construído em *Park Hill*, entre 1957-1961. A expressão brutalista convergiu com os interesses do Estado no pós-guerra para a reconstrução maciça de habitação para suprir a demanda habitacional gerada não apenas pelas destruições de guerra, como também para atender às levas de imigrantes que chegavam à Inglaterra.

O ROBIN HOOD GARDENS HOUSING PROJECT (1966-1972)

A realização do projeto do *Robin Hood Gardens* não poderia ter sido cercada de mais expectativa – e de mais desconfiança – por parte não apenas da crítica especializada, mas também do público mais amplo. Não bastasse o fato do casal Smithson já ter adquirido, àquela altura, notoriedade no cenário arquitetônico internacional, era também o momento em que surgiam já as primeiras críticas à produção de habitação social a partir da solução em blocos residenciais. O desastre em *Ronan Point*, em 1968, levou à necessidade de se investir em maiores cuidados no detalhamento do projeto, para evitar acidentes, e como destaca Peter Hall, o incidente serviu como estopim para as declarações de insatisfação com o que se vinha desenvolvendo (Hall 2009, 264-266).

Frente a essas críticas iniciais, é fácil perceber como no projeto para o *Robin Hood Gardens* já se mostram algumas tentativas de contornar estas primeiras críticas. O projeto partiu de uma eliminação de cortiços construídos na região conhecida como Poplar, no East End londrino, região onde se encontravam as instalações portuárias da Companhia Britânica das Índias Orientais, cuja paisagem era marcada pelo caráter industrial e pelo agrupamento de população mais pobre, composta notadamente por imigrantes. No documentário realizado em 1970, durante a construção do conjunto, Alison Smithson destaca como elementos marcantes da paisagem não apenas as instalações industriais e portuárias, como também a algazarra das crianças da região e cheiro de *curry* que saía das casas.

A general objective when we get a new site is to neat together what is good in the surroundings, by the insertion of a new building. To inject, thereby, new life even through buildings, and things that are old and tired. Right from the start we began to identify with the site, to put down mental routes, hooking on [...] the children overturning, wrecked cars, the smell of curry on the stairs of rejected tenements, ordinance of past character, or obviously

identifying fixes of the district, or the city, or even the region in our case – the bigger power stations.

In the late forties and early fifties when we first started thinking about housing, [with] the lack of identity and the lack of any pattern of association, we used to talk of “Object as Found”, that is, anything and everything can be raised by association to become a “Poetry of the Ordinary”. And in this way, an industrial site is very easy to identify with – compared with – a semi-detached housing estate, a site on a industrial blight, or an industrial heritage – it depends on how you look at it – can very easily be used to renew a district, to re-identify and become a real piece of urban renewal. This is something to do with urban scale, and that industrial sites are somehow forthright and honest. This may be a personal trick, ‘cause coming from the Northeast, we see the ships as connectors of people to their district and to the world outside. On this side, the ships can be a decoration to the urban scene. [...] (The Smithson on Housing 1970)

Os Smithson defendiam a necessidade de se criar um ambiente que, ao mesmo tempo, reforçasse a identidade industrial do East End londrino e criasse uma nova condição de habitabilidade e relação com o contexto urbano (The Smithsons on Housing 1970). Os dois blocos principais acompanham as laterais do terreno, formando uma barreira contra o intenso fluxo de veículos e criando no jardim interno uma zona protegida e humanizada, diminuindo os conflitos gerados pelo ambiente ao seu redor sem desvincular desse mesmo contexto (Figuras 1 e 2).

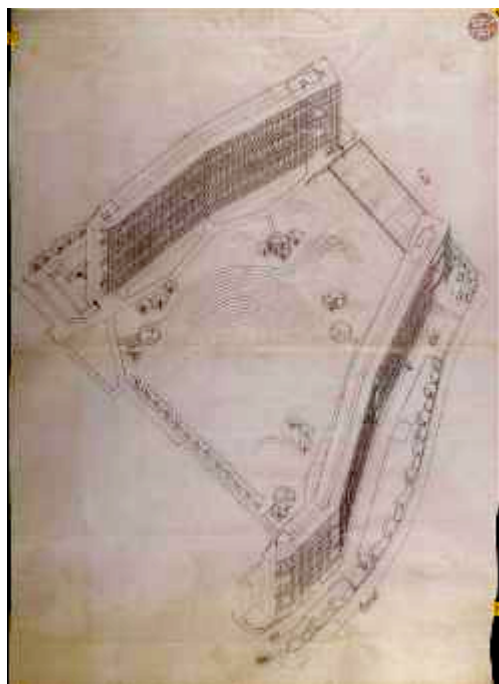


Figura 1: Perspectiva axonométrica do Conjunto. Fonte: <http://www.centrepompidou.fr/>.



Figura 2: Fotomontagem apresentando um corte em um dos blocos do Robin Hood Gardens, na fronteira com a Cotton Street. Fonte: <http://www.centrepompidou.fr/>.

Entre as principais questões enfrentadas pelo projeto, buscava-se criar a possibilidade de amenizar o impacto do tráfego e da poluição da vizinhança, dispondo a circulação comum às unidades nas fronteiras dos blocos e implantando, na face interna ao jardim, as cozinhas e os quartos, na expectativa de que isso gerasse a possibilidade de vigilância das mães sobre as crianças no jardim e destinando os dormitórios para a face interna, mais calma e protegida. A solução dos perfis em concreto verticais, que marcam todas as fachadas, também foi feita como uma tentativa de refratar o ruído externo (Figuras 3 e 4).



Figura 3: Detalhe do perfil de concreto na fachada externa. Fonte: Elaborada pelo autor (ago. 2012).



Figura 4: Trecho da fachada interna do bloco maior, a partir do jardim. Fonte: Elaborada pelo autor (ago. 2012).

Os deques de circulação comum foram pensados como uma forma de realização da chamada “rua no céu”, uma das principais apostas do casal Smithson. Trata-se tanto de uma referência às “ruas corredor” corbusianas da *Unité de Marselha*, como também uma tentativa de superação desta própria referência. Os arquitetos esperavam que sua proposta não permanecesse confinada ao interior do edifício, e sim, promovesse uma maior interação entre as unidades e a vizinhança.

No entanto, se comparados com os deques propostos para o concurso *Golden Lane*, ou mesmo com os que foram construídos em *Park Hill*, os deques construídos no *Robin Hood Gardens* deixaram um pouco a desejar, pela sua dimensão reduzida, e foram alvo de muitas críticas, embora na visita realizada em 2012 ainda fosse possível perceber os usos dados ao corredor como área comum (Figuras 5 e 6) – isto considerando-se que muitos moradores, àquela data, já tinham entrado em acordo com a construtora responsável pelo projeto de requalificação para a área e desocupado suas unidades.

Outro ponto bastante criticado da proposta, desde sua ocupação inicial, vem da solução dada para a circulação de serviço, por estar muito deslocada com relação à circulação geral, além de se configurar como uma área muito estreita, gerando desconforto e sensação de insegurança aos moradores (Figura 7). Os dutos de lixo não são mais utilizados, como aconteceu não apenas em edifícios de habitação social, por se revelarem uma solução pouco higiênica.



Figura 5: Vista do acesso a uma das unidades, no terceiro pavimento do bloco maior. Fonte: Elaborada pelo autor (ago. 2012).



Figura 6: Corredor de acesso às unidades, no sexto pavimento do bloco maior. Fonte: Elaborada pelo autor (ago. 2012).



Fig. 7: Sequência de imagens ilustrando o percurso entre os decks do terceiro e do sexto pavimento do bloco maior, usando a circulação de serviço. Fonte: Elaborada pelo autor (ago. 2012).

Apesar do esforço dos Smithson em trabalhar junto ao Estado de Bem-Estar inglês no pós-guerra, com um programa de atendimento a uma demanda social, logo se viu que o conjunto, por si só, não daria conta de mitigar os problemas de vandalismo que já eram registrados na região. Como mencionado anteriormente, o momento de realização das aspirações mais utópicas dos Smithson com relação à habitação social coincidiu, justamente, com o surgimento das principais críticas às propostas de habitação em edifícios altos. Só para ficar com o caso mais conhecido, o conjunto foi inaugurado em 1972, no mesmo ano em que o conhecido *Pruitt-Igoe*, construído em St. Louis, nos Estados Unidos, foi demolido, e poucos anos depois do mencionado acidente no edifício *Ronan Point*, em 1968.

A crítica especializada, por sua vez, reconheceu com propriedade como ele não refletia exatamente as ideias defendidas pelos Smithson no campo teórico (Jencks 1977; Frampton 1997 [1980]). A crítica de Charles Jencks foi incisiva ao demonstrar como as pretensões iniciais dos Smithson não se apresentavam na obra final:

Robin Hood Gardens is not a modern version of the Bath Crescent, in spite of the large urban gesture and V-shaped plan. It does not accentuate the identity of each house, although Smithson admires Bath for being “unmistakably a collection of separate houses”. It suppresses this in favour of visual syncopation, a partially randomised set of vertical fins, and horizontal continuity – the notion of communal street deck. These “streets in the air” have, surprisingly, all the faults which the Smithsons had recognized in other similar schemes. They are under-used; the collective entries are paltry and a few have been vandalized. Indeed, they dark, smelly, dank passage-ways. Little sense of place, few collective facilities and fewer “identifying elements”, which the architects had reasonably said were needed in modern buildings. (Jencks 1977, 23)

Faz-se necessário lembrar que esta crítica de Jencks lhe serviu ao propósito de fazer a apologia de sua leitura – muito particularizada, diga-se de passagem – sobre a arquitetura pós-moderna. Da parte de Kenneth Frampton veio uma crítica mais cuidadosa, e por isso mesmo muito mais acertada, ao identificar na obra do casal Smithson, a partir do final dos anos 1950, certa tendência a trabalhar a partir de “enclaves localizados e livres de tráfego”, mas que no caso do *Robin Hood Gardens* “ficava tão isolado de seu contexto urbano quanto as torres de qualquer ‘cidade funcional’” (Frampton 1997, 335). Frampton ainda vai além, ao identificar de forma geral, na atuação do casal Smithson, uma mal resolvida contradição:

Divididos entre uma simpatia pela antiga solidariedade da classe operária e a promessa do consumismo, os Smithson estavam enredados na ambivalência intrínseca de um populismo assumido. Durante a segunda metade da década de 1950, abandonaram sua simpatia inicial pelo estilo de vida do proletariado, voltando-se para os ideais de classe média que dependiam, em termos de seus atrativos, tanto do consumo conspícuo quanto da propriedade maciça do automóvel. [...] (Frampton 1997, 323)

Da geração de críticos mais recente, destaca-se a figura de Dirk van de Heuvel como um grande responsável por recuperar a herança dos membros do Team 10, sobretudo com relação à obra de Alison e Peter Smithson, em publicações diversas, tanto de caráter mais monográfico (Heuvel e Risselada 2004), como em artigos para revistas², e com a recente finalização de sua tese junto à TU-Delft (Heuvel 2013). Na referida tese, Heuvel corrobora a leitura de Frampton, indicando, a partir dos depoimentos e escritos posteriores à realização do *Robin Hood Gardens*, as limitações dos Smithson em lidar com os descompassos entre suas idealizações e as dificuldades em trabalhar sob o controle do Estado, a própria recepção por parte dos moradores, além do recrudescimento de certo “estado de espírito” pós-moderno que superou em muito o otimismo inicial com o populismo ao qual aspiravam.

Ainda de acordo com Heuvel, o *Robin Hood Gardens* pode ser entendido como um dos elementos que demarcam um ponto “quase final” na carreira dos Smithson (Heuvel 2013, 302). O período que se seguiu à sua conclusão foi marcado por uma diminuição substancial das encomendas do

governo para projetos de habitação, de queda no volume de obras na Inglaterra, de forma geral, e de certa perda de criatividade do próprio casal Smithson. Além disso, a não realização de outras propostas de habitação social, desenvolvidas pelos Smithson e seus colaboradores, inviabilizaram a experimentação de outras possibilidades.

Apesar das críticas, o *Robin Hood Gardens* se consolidou como marco visual na região (Figura 8). Pouco depois da ocupação inicial houve um incêndio criminoso no acesso principal do bloco maior, o que gerou grande comoção e muita crítica ao projeto. Ao longo dos anos, o conjunto passou por várias modificações que garantiram a permanência dos moradores, seu bom estado de conservação e certas medidas para controlar o acesso aos blocos residenciais – o acesso ao jardim central e as demais áreas comuns continuavam desimpedidas no momento da vista, em agosto de 2012 (Figura 9).



Figura 8: Panorâmica mostrando o conjunto visto a partir da Estação Blackwall. Fonte: Elaborada pelo autor (ago. 2012).



Figura 9: Panorâmica mostrando o jardim interno entre os blocos principais. Fonte: Elaborada pelo autor (ago. 2012).

Sem dúvidas houve grandes problemas de concepção, mas pouca atenção foi dada ao elemento maior, de grande desagregação social na própria sociedade inglesa, que se mantém ainda hoje. Casos extremos de violência urbana continuaram sendo presenciados ao longo dos anos 1980-2000³. O modo como as políticas de expansão urbana e de habitação vem sendo conduzidas fazem ecoar a imagem de uma “cidade da permanente ralé” que caminha paralela à da cidade-negócio. Desde os anos 1970 vem se mantendo uma grande pressão imobiliária sobre o East End londrino e outras áreas ocupadas por população mais pobre, donde se destacam as ações do governo Thatcher com relação à criação do novo distrito financeiro em *Cannary Wharf*, a “recuperação” da City e sua recente expansão em direção às tradicionais regiões boêmias de Shoreditch e Dalston, além de toda movimentação gerada por conta das obras que marcaram a passagem do milênio (a exemplo do *Millenium Dome* projetado por Richard Rogers, a poucos minutos do *Robin Hood Gardens*, na outra margem do Tâmsa) e as obras das Olimpíadas de 2012. A tendência a substituir, do discurso oficial, a expressão “*social housing*” por “*affordable housing*” apenas torna mais evidentes as reais preocupações com relação à política habitacional na Inglaterra⁴.

In the postwar years of the welfare state consensus local authorities were building hundreds of thousands of homes a year in England. That rate of production was relatively constant until the late 1970s, regardless of which party was in power. But if you look at a graph of social housing production you'll see it drop sharply from 1979, the year Thatcher took office, and fall steadily through subsequent governments to almost zero — a trend that New Labour's policy of forcing developers to include some affordable housing did very little to reverse. [...]

[...] Affordable housing is what we have instead of social housing, and the Coalition government has decreed that affordable rents can now be up to 80 per cent of market value, which means that they are hardly for the poorest. (McGuirk 2012)

Dentro deste mesmo período, desde os anos 1970, acompanha-se o esforço de substituição, pilhagem ou mobilização pública através da imprensa, contrários ao legado da arquitetura brutalista, como uma necessidade de se apagar as marcas do Estado de Bem-Estar Social. Em seu lugar faz-se apologia ora ao neotradicionalismo advogado pelo Príncipe de Gales, ora ao ultramodernismo *high-tech*, a essa altura já quase se configurando como o *etos* da cultura arquitetônica inglesa contemporânea. Não somente na Inglaterra, como também na Escócia, assiste-se a uma constante desvalorização do legado brutalista, não apenas com a demolição de conjuntos habitacionais – vejam-se os casos do *Heygate Estate* em Londres, demolido em 2011, e do *Red Road Flats* em Glasgow, demolido em 2012 – como também de edifícios com grande caráter cívico, a exemplo da prevista demolição do *Scottish Provident Building*, em Edinburgh, ainda em discussão. Para não falar das constantes “renovações” que visam basicamente a substituir o concreto aparente por revestimentos espelhados ou metálicos.

O BLACKWALL REACH REGENERATION PROJECT (2007-)

Neste contexto de valorização imobiliária do East End londrino, a área do *Robin Hood Gardens* passou a ser cobiçada como parte de um grande projeto de remodelação urbana, conhecido como “Blackwall Reach Regeneration Project”. Iniciado por volta de 2007, gerou uma grande movimentação em torno da possibilidade de preservar o conjunto, ao redor da qual se organizaram arquitetos, o periódico BDOonline e organizações ligadas à conservação do patrimônio moderno.

Ao longo de seis anos foram realizadas diversas tentativas de manutenção completa do conjunto, concursos de ideias com propostas para sua recuperação sem precisar demolir os prédios, e mesmo a empresa consultora responsável chegou a elaborar uma proposta inicial onde o prédio menor era mantido, mas todos esses esforços foram em vão. A etapa final deste processo começou em abril deste ano de 2013, quando se iniciaram as demolições nos terrenos ao redor do *Robin Hood Gardens*, e já estão sendo preparadas as primeiras etapas de construção para o bairro, que tem como primeiro ponto-chave a construção de uma mesquita, atendendo a uma demanda dos moradores da região – um apelo, certamente, às questões étnicas e identitárias, como forma de ganhar a adesão dos moradores.

De todo este processo, destacamos três últimas questões, que ajudam a amarrar o debate colocado por este artigo. Primeiro, o modo como as pesquisas de opinião com os moradores do *Robin Hood Gardens* foram conduzidas – todas muito discutíveis, fossem elas contrárias ou a favor da manutenção dos prédios; assim como a pesquisa encomendada pela empresa responsável pela empreitada do “projeto de regeneração”, que claramente associa a já muito gasta imagem da habitação social moderna com degradação social (Stewart 2011). Isto nos leva a questionar se mesmo no caso de edifícios habitacionais não se deveria levar em alta conta a avaliação criteriosa dos órgãos de proteção do patrimônio arquitetônico.

Em segundo lugar, impressiona como a solução adotada para a reconstrução parte justamente dos mesmos princípios indicados pelo projeto original do casal Smithson, com a grande diferença de que, ao contrário dos grandes blocos, a ocupação agora é muito mais fragmentada, libera-se área para construção de arranha-céus na vizinhança da Estação Blackwall e a área do grande jardim interno foi reduzida a cerca de metade de seu tamanho original, sendo parcialmente ocupado por mais edifícios (Figura 10).

E ainda, no lugar de uma criativa interpretação – e racionalização – da típica paisagem inglesa de colinas, tão bem representada pelo jardim interno do *Robin Hood Gardens*⁵, são projetados novas praças e pequenos parques, fragmentados. Se o agenciamento arquitetônico proposto pelos Smithson pressupunha uma relação ambígua entre os domínios privado e público, a proposta em andamento, apesar de todo apelo a uma imagem muito gasta de “espaço público” para a cidade

contemporânea, contribui pouco ao debate, ao definir de maneira categórica os limites dos espaços e reforça o caráter individualista e privatista dos acessos restritos às unidades, agora fragmentadas.



Figura 10: Proposta final de "regeneração" urbana. Fonte: Blackwall Reach Regeneration Project (nov. 2012).



Figura 11: Simulação da proposta. À margem direita, a área ocupada pelo Robin Hood Gardens. Fonte: Stewart 2011.

Por fim, o que se apresenta como proposta, em termos arquitetônicos, contribui muito pouco para cultura arquitetônica (comparem-se as Figuras 11 e 12), sendo apenas mais um dos muitos exemplares de um requentado ultramodernismo, beirando a imagem de cidades como Dubai (McGuirk 2012). Ao comentar sobre a demolição do conjunto conhecido como "de Bijlmermeer", em Amsterdã – mais um dos tantos conjuntos habitacionais modernos demolidos recentemente – o pesquisador Frank Wassenberg (2011) chama atenção para o fato de que sua demolição foi justificada para a criação de uma vizinhança mais comum (*ordinary*).



Figura 12: Panorâmica mostrando um dos acessos ao Robin Hood Gardens, no cruzamento entre a Cotton Street e a Poplar High Street, mesmo ângulo da Figura 11. Fonte: Elaborada pelo autor (ago. 2012).

A mesma questão parece estar em jogo no caso do *Robin Hood Gardens*. Na melhor das hipóteses, é ao menos irônico pensar que o “ordinário” para o casal Smithson talvez estivesse muito mais próximo dos “sinais de ocupação” que se podiam presenciar até pouco tempo, mesmo numa rápida visita ao conjunto (Figuras 13 e 14), do que a produção de uma arquitetura genérica como a que se vem produzindo recente no East End londrino e, mais especificamente, no que está por vir no projeto de “regeneração” que virá a substituir o *Robin Hood Gardens* e boa parte de sua vizinhança.



Figura 13: Vista do acesso ao bloco menor, pela Cotton Street. Fonte: Elaborada pelo autor (ago. 2012).



Figura 14: Vista da fachada interna ao jardim do bloco menor. Fonte: Elaborada pelo autor (ago. 2012).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakema, Jaap et al. "Doorn Manifesto". In **Architecture Culture 1943-1968: A Documentary Anthology**, editado por Joan Ockman e Edward Eigen, 183. Nova York: Columbia Books of Architecture; Rizzoli, 1993.
- Banham, Reyner. "The New Brutalism". **Architectural Review** 118 (dez. 1955): 354-361.
- Barone, Ana Cláudia Castilho. **Team 10: Arquitetura como Crítica**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2002.
- Colquhoun, Ian. **RIBA Book of British Housing: 1900 to the Present Day**. 2. ed. Londres: Architectural Press, 2008.
- Frampton, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Fuão, Fernando Freitas. "Brutalismo, a Última Trincheira do Moderno". Artigo apresentado no 3º Seminário DOCOMOMO Brasil, São Paulo, 1999. Acessado em 7 ago. 2013. http://www.docomomo.org.br/seminario%203%20pdfs/subtema_A1F/Fernando_fuao.pdf.
- Hall, Peter. **Cidades do Amanhã: Uma História Intelectual do Planejamento e do Projeto Urbanos no Século XX**. 1. ed. amp. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- Heuvel, Dirk van den. "Robin Hood 2001: Kolonisering van het moderne / Robin Hood 2001: The Colonisation of the Modern". **OASE** 51 (1999): 96-103.
- Heuvel, Dirk van den e Max Risselada (ed.). **Alison and Peter Smithson: From the House of the Future to a House of Today**. Roterdã: 010 Publishers, 2004.
- Heuvel, Dirk van den. "Alison and Peter Smithson – A Brutalist Story: Involving the House, the City and the Everyday (Plus a Couple of Other Things)". PhD diss., Technische Universiteit Delft, 2013.
- Hitchcock, Henry-Russel. **Architecture: Nineteenth and Twentieth Centuries**. 4. ed. Middlesex: Penguin, 1977.
- Jencks, Charles. **The Language of Post-Modern Architecture**. Nova Iorque: Rizzoli, 1977.
- McGuirk, Justin. "Unreal Estate". **Domus** (2012). Acessado em 7 ago. 2012. <http://www.domusweb.it/en/architecture/2012/07/30/unreal-estate.html>.
- Stewart, Graham. **Robin Hood Gardens Blackwall Reach**. Londres: Wild Search, [2011]. Acessado em 11 jul. 2012. http://www.wildsearch.org/files/WIL895_Robin_Hood_Garden-FINAL.pdf.
- The Smithsons [sic] on Housing. Produzido por Bryan Stanley Johnson. 1970. 28min18. Londres: BBC TV. Acessado em 15 mai. 2013. <http://www.youtube.com/watch?v=UH5thwHTYNk>.
- Wassenberg, Fank. "Demolition in the Bijlmermeer: Lessons from Transforming a Large Housing Estate". **BRI – Building Research Information** 39 (2001): 363-379.

¹ Note-se, por exemplo, que não houve exposição de exemplares da produção inglesa na exposição "Modern Architecture: International Exhibition", realizada em 1932, no MoMA, a partir da qual se consolidou o chamado "International Style".

² Existe uma vasta coleção de artigos publicados por Dirk van den Heuvel sobre a obra do casal Smithson e de outros membros do Team 10. Por ora, destaca-se um artigo/ensaio onde o autor descreve sua última visita ao *Robin Hood Gardens* (Heuvel 1999), publicada numa edição especial da revista holandesa *OASE*, dedicada à obra do casal Smithson.

³ Apenas para ficar com os casos de maior repercussão, tome-se como referência os incidentes em *Broadwater Farm* nos anos 1980 (Hall 2009, 465-471) e os levantes realizados às vésperas das Olimpíadas de 2012, que geraram uma forte repressão da polícia à população da região do East End, sobretudo aos imigrantes romenos.

⁴ De certa forma, o mesmo fenômeno também se observa nos Estados Unidos: o emprego de eufemismos como "*affordable housing*", "*sustainable housing*", etc em substituição a "*social housing*" ou "*public housing*" – esta última, ainda mais evitada.

⁵ Dirk van den Heuvel também chama atenção para esse aspecto no ensaio sobre o *Robin Hood Gardens* publicado na revista *OASE*, mencionado anteriormente (Heuvel 1999). Ainda que não fosse muito evidente nos desenhos da proposta, a sua situação em 2012, no momento da visita (Figura 9), deixava muito clara a impressão de uma *releitura crítica* do típico paisagismo inglês na obra.